

A TRADUÇÃO PORTUGUESA DE *LE JUIF ERRANT* (EUGÈNE SUE), UM CASO SINGULAR DA TRADUÇÃO DO SÉCULO XIX PORTUGUÊS¹

CARLOS CASTILHO PAIS
UNIVERSIDADE ABERTA

1. A disputa pelo leitor

No ano (1844) em que se dava início à publicação em folhetim da primeira tradução portuguesa de *Le Juif Errant*, já dispunha o leitor português de uma outra obra de Eugène Sue (Marie Joseph Sue, 1804-1857) – *Os Mistérios de Paris*, cujo original havia começado a publicar-se em folhetim (Paris, 1842) – traduzida e publicada no Porto entre 1843 e 1846, sem a indicação do nome do tradutor². Desta feita, para *Le Juif Errant*, a tradução portuguesa não fazia esperar tanto tempo o leitor português, dado que o original começou a publicar-se em Paris no mês de Junho de 1844 e a publicação da tradução da obra se iniciou um mês depois no periódico de Lisboa *Restauração*.

Para além desta particularidade, *O Judeu Errante*, obra traduzida pelos irmãos Adriano e José Feliciano de Castilho, enfrentará a concorrência de outras traduções, será elogiada e será motivo de reflexão pública sobre a tradução por parte de um dos maiores teóricos e tradutores do nosso século XIX, António Feliciano de Castilho. Por tudo isto, esta obra de Eugène Sue em português não pode deixar de merecer a atenção do historiador da tradução portuguesa.³

¹ Ofereço ao leitor, alinhavadas, algumas das notas que fui coligindo sobre a História da Tradução, quer sobre o século XIX quer sobre as traduções desta obra de Eugène Sue. Assim se verá que não pretendo aqui encerrar este assunto.

² O *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva (Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, tomo V, pp. 100-101) indica o nome de José Pereira Reis como tendo sido o tradutor de *Os Mistérios de Paris*.

³ Ainda no ano de 1844 subia ao palco do Teatro do Salitre a obra de Sue *Adelina d'Ornilly*, traduzida por Inácio Maria Feijó. Devo esta informação a Ana Isabel Vasconcelos, especialista em texto dramático.

Logo a 9 de Agosto de 1844, no número 61 d'*O Cosmopolita* - periódico que se publicava na cidade do Porto - assinado apenas com as iniciais J. F., surgia o primeiro artigo critico sobre a tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho. Esta critica d'*O Cosmopolita* não ficará sem resposta.

Com efeito, em Setembro do mesmo ano era anunciada a segunda edição, reservada aos assinantes e publicada em vários volumes. No primeiro tomo incluía-se um prólogo de António Feliciano de Castilho, no qual se podia ler na integra a critica publicada pel'*O Cosmopolita*. António Feliciano de Castilho apenas se esqueceu de incluir as iniciais do autor do artigo critico. Infelizmente, não nos foi possível contactar com esta edição. Mas as diligências do filho do escritor romântico - Julio de Castilho - que reuniu e publicou a *obra completa* do pai, permitem que ainda hoje possamos analisar o prólogo que António Feliciano de Castilho escreveu para a segunda edição da tradução dos seus irmãos⁴.

Curiosamente, o periódico que havia publicado o artigo critico sobre a tradução dos irmãos Castilho é escolhido para anunciar esta segunda edição, correndo o anúncio a partir do número 76 de 13 de Setembro de 1844. Mas logo no número seguinte, a 16 de Setembro, a mesma publicação anunciava uma outra tradução da mesma obra da seguinte forma:

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

O JUDEU ERRANTE

Este romance escripto pelo celebre Eugenio Sue, que tão pregoado tem sido por toda a Europa, e que realmente encerra muita belleza, está-se traduzindo e imprimindo nesta Cidade.

O primeiro volume, impresso em papel superior, contendo quinze folhas de impressão, em formato de 8.^o, acha-se á venda, pelo preço de 480 reis, nas lojas de livros de Cruz Coutinho, aos Caldeireiros; e de Novaes, ás Hortas - e na typographia de Faria Guimarães.

Não se vende este volume senão a quem assignar para os seguintes, cuja impressão será em papel, e formato inteiramente igual.

(*O Cosmopolita*, número 77, 16 de Setembro de 1844)

⁴ Recentemente, o prologo foi incluido por nos em *Antonio Feliciano de Castilho, O Tradutor e a Teoria da Tradução*, Coimbra: Quarteto, 2000, pp. 95-114.

Iniciava-se deste modo a contenda entre duas traduções – a de Lisboa e a do Porto. A denominação das traduções não é nossa, pertence aos autores dos anúncios respectivos, que, aparentemente, assim pretendem uma identificação mais facilitada de edições quase simultâneas e de preço idêntico das duas traduções.

Porém, uma atenção mais cuidada aos anúncios revelará que a designação não encerra apenas uma simples intenção em identificar traduções. Fixemos-nos, por exemplo, no número 101 d' *O Cosmopolita*, de 13 de Novembro de 1844, no qual é inserido o anúncio da venda em Lisboa, Coimbra, Porto e Braga do terceiro volume da tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho pelo preço de 480 réis. O anúncio refere ainda que faz parte da obra editada um prólogo da autoria de António Feliciano de Castilho e termina com a seguinte frase: "Pede-se que se não confunda esta versão com a publicação do Porto." Note-se que a tradução anunciada é apresentada enquanto "versão" e a tradução do Porto é designada por "publicação". É esta diferença de termos que nos permite afirmar que sob a capa da identificação de duas traduções se escondia também uma intenção depreciativa.

Respondia o Porto, cinco dias depois, anunciando a venda do seu segundo volume e a impressão do terceiro. No texto do anúncio, identificava-se a tradução com a cidade, mas designando a sua publicação de "tradução". A intenção depreciativa parece ter sido compreendida.

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

O JUDEU ERRANTE

O segundo volume do Judeu Errante, tradução do Porto, acha-se á venda nas lojas de livros de Novaes, ás Hortas; Cruz Coutinho, aos Caldeireiros; e Moré, á esquina dos Loyos. Está-se imprimindo o terceiro volume.

(*O Cosmopolita*, número 103, 18 de Novembro de 1844)

E, finalmente, para constatar-mos também que a edição da tradução do Porto não chegou nunca a adiantar-se à edição da tradução dos irmãos Castilho, apresentamos o anúncio incluído no número 114 de 13 de Dezembro de 1844. Não encontramos qualquer novidade em relação ao anúncio anterior no que diz respeito à tradução do Porto; por sua vez, a tradução de Lisboa surge-nos agora designada por "edição".

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

O JUDEU ERRANTE

O segundo volume do JUDEU ERRANTE, tradução do Porto, acha-se á venda nas lojas de livros de Novaes, ás Hortas; Cruz Coutinho, aos Caldeireiros; e Moré, á esquina dos Loyos. Está-se imprimindo o terceiro volume.

O terceiro volume do - JUDEU ERRANTE - edição de Lisboa acaba de chegar ao Escriptorio de J. J. Rodrigues dos Santos, na travessa da Fabrica do Tabaco nº 41 e 42. Roga-se aos Snrs. Subscriptores, que ainda o não receberam, queiram manda-lo buscar ao dito Escriptorio.

No corrente mez se espera o 4º volume desta obra.

Alli se acham á venda Folhinhas de Porta e Algibeira para 1845.

(O *Cosmopolita*, numero 114, 13 de Dezembro de 1844)

Não será este o único episódio da concorrência que terá de enfrentar a tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho. Ao episódio que acabámos de descrever deveremos voltar quando, mais à frente, recordarmos o "Prólogo" de António Feliciano de Castilho, pedra fundamental desta etapa da vida desta tradução. Adiantemos, desde já, que o autor do "Prólogo" junta às ideias defendidas todo o seu prestígio de escritor romântico e de tradutor das *Metamorfoses* (Ovidio), publicadas três anos antes (1841) da obra em questão. A crítica generalizada ao **aluvião de más traduções** que então se faziam torna mais relevante o elogio que algumas (poucas) traduções conseguiam conquistar aos *nossos românticos*. Com efeito, raros são os tradutores elogiados quer por Garrett, quer por Herculano e Castilho durante os primeiros anos do romantismo português. Como vimos, os anúncios da tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho não esquecem de mencionar que a edição inclui o "Prólogo" de António Feliciano de Castilho. Independentemente da sua justeza, que não está agora em causa, importa referir o elogio como uma das peças da contenda pela conquista de leitores. Refira-se também que a ausência da inscrição do nome do tradutor, e para mais, não dispondo do *elogio romântico*, não deve ter favorecido as pretensões da tradução do Porto. Nova vida esperava a tradução de Lisboa, como veremos a seguir. A mesma sorte não teve a tradução concorrente.

2. As traduções em livro

Prosseguimos no itinerário da tradução dos irmãos Castilho, como foi nossa intenção desde o início. Daremos agora conta da terceira edição da obra, em livro de pequeno formato, cuja impressão se iniciou logo em 1845 e terminou no ano seguinte na Tipografia Lusitana.

Da tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho ouviremos ainda falar, quando, em 1849, a Imprensa Nacional publica nova tradução da obra, em três volumes, no mesmo ano, de resto, em que a tipografia de Elias José da Costa Sanches, também de Lisboa, imprime um *Judeu Errante* que se diz "traduzido livremente". Infelizmente, nenhuma destas edições menciona os nomes dos tradutores, permanecendo assim os irmãos Castilho os **únicos tradutores conhecidos de todo o século XIX desta obra de Eugène Sue**.

A terceira edição da obra dos irmãos Castilho pretendia-se 'popular'; isso mesmo nos é referido em texto introdutório, sem título nem paginação, que aqui se apresenta na íntegra:

Edição sobre edição d'esta obra tem provado que o mesmo acolhimento com que toda a Europa a recebeu, encontrou ella em Portugal.

Não nos vangloriámos de haver concorrido, por mérito da versão, para a estrondosa manifestação do público, que em toda a parte fôra extraordinária, mas em Portugal é sem precedente.

E todavia os honrosísimos juízos que d'esta versão teem publicamente feito os mais competentes, mas, fôrça é disel-o, benevolos juízes, obrigarnos-hiam a aprimorar estes livros, quanto em nossas fôrças coubesse.

Não nol-o permite nem a estreitesa do tempo que o nosso editor nos dá; nem o improvisado de traducção, a qual, como é sabido, acompanhou sempre em Portugal a recepção do original de Pariz; nem outras numerosas e graves occupações.

Apesar d'isso, temos ido melhorando, de edição para edição; e a presente sobreleva muito em correcção ás que a precederam.

Quis o nosso editor fazer uma obra popular; por isso se resolveu a dal-a por um preço infimo, ao que é devida a inferioridade do papel, e o miúdo do typo. Tambem pelo mesmo motivo foi impossivel transcrever no corpo d'esta edição as mui numerosas peças sobre o Judeu Errante, que demos nas anteriores; entretanto a traducção dá completamente todo o original francez. Sollicitamos pois ainda igual benevolencia do público.

(O JUDEU ERRANTE DE E. SUE TRADUSIDO
POR CASTILHOS (ADRIANO E JOSÉ), Lisboa:
Tipografia Lusitana, 1845-1846)

Como se vê, os autores justificam a edição pelo acolhimento que a obra de E. Sue tem obtido na Europa, afirmam ter melhorado a tradução e colocam na conta do editor a não-inclusão de 'peças' que constavam na edição anterior. De facto, não encontramos nesta edição o "Prólogo" que António Feliciano de Castilho havia escrito para a segunda edição da tradução, por exemplo.

A esta edição em livro da tradução dos irmãos Castilho foi concedido um reino solitário entre 1845 e 1849. Das traduções editadas em 1849, já mencionadas, apenas a da Imprensa Nacional a refere em termos elogiosos. E esse é um facto que não pode deixar de ser assinalado na vida da tradução. Iremos, por isso, debruçar-nos sobre esta tradução, analisando sobretudo o prefácio que a acompanha.

A tradução publicada pela Imprensa Nacional, de 1849 a 1851, apesar de não possuir indicação que nos permita determinar o seu tradutor, inclui um prólogo, que também não é assinado, mas que é, sem dúvida, pertença do tradutor da obra. O prólogo explica o sucesso da obra de Sue, fornece alguns dados bibliográficos sobre o autor, justifica a publicação de uma nova tradução e defende-se de uma possível acusação de "contrafacção" relativamente à "tradução impressa", isto é, a terceira edição da tradução dos irmãos Castilho.

O prólogo remete-nos, por diversas vezes, para a tradução que nos ocupa, desde logo, ao colocar-se de acordo sobre os encômios tecidos por António Feliciano de Castilho a Eugène Sue no "Prólogo" que o escritor romântico escreveu e publicou para a segunda edição da tradução dos irmãos - "e, como de tão grande mestre em toda a especie de saber, apreciámos em muito sua opinião tão francamente pronunciada." Todavia, é nas referências explícitas à terceira edição da tradução de Adriano e José de Castilho que encontramos um **propósito idêntico**, que une, de alguma forma, as duas traduções. Também esta, como o pretendia aquela, quer ser popular. A modicidade do preço que ambas advogam atesta a chegada de novos leitores, um dos fenómenos característicos do mercado livreiro do século XIX. Também esta manifesta o empenho em bem traduzir, precavendo-se talvez de ser colocada no âmbito da crítica às más traduções, constante e feroz, que é, também, uma das características do século.

Reproduz-se, em apêndice, a primeira parte do prólogo da tradução publicada pela Imprensa Nacional em 1849. Dele importa reter agora o **elogio** feito à tradução dos irmãos Castilho. Para o autor deste prólogo, a tradução portuguesa impressa era "excelente", daí decorrendo que tenha que defender-se de possíveis acusações, quer de cópia quer de "especulação". Confeccionar nova tradução era o remédio encontrado contra a reprodução. Por sua vez, a justiça e a sensatez do público - informado das dificuldades e da delicadeza da posição - são os remédios encontrados contra uma hipotética acusação de "especulação vergonhosa".

Contudo, é no seguinte parágrafo que podemos encontrar os maiores elogios à tradução de Adriano e José Feliciano de Castilho, que justificam, de resto, que se

afirme encontrar-se na tradução publicada pela Imprensa Nacional um prolongamento ou ainda uma réstia de vida da tradução que nos ocupa:

Dizer que fizemos uma nova traducção não é avançar que nada aproveitámos daquella. Seria um absurdo. Podemos, contudo, asseverar com a mão na consciencia que não fizemos uma contrafacção; o nosso character repelle energicamente tal insinuação, repetimo-lo.

(*O Judeu Errante*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1849, pág. X)

A tradução publicada no mesmo ano pela tipografia de Elias José da Costa Sanches omite qualquer referência à tradução dos irmãos Castilho. Só uma análise pormenorizada da tradução permitirá porventura deslindar aquilo que esta tradução deve à outra. Porém, a opção pela diferença é o seu principal distintivo. Ao leitor e ao crítico cabe a tarefa de ajuizarem se *O Judeu Errante* que se diz ter sido "traduzido livremente" suporta dignamente as liberdades com que se apresenta. Um exemplo dessa 'liberdade' pode encontrar-se logo no início da obra, que aqui se apresenta com sublinhado nosso e que cotejamos com o original e com as outras duas traduções:

LES DEUX MONDES
PROLOGUE

L'océan polaire entoure d'une ceinture de glace éternelle les bords déserts de la Sibérie et de l'Amérique du Nord!... ces derniers limites des deux mondes, que separe l'étroit canal de Behring.

Le mois de septembre touche à sa fin.

(...)

(Original)

PROLOGO
ENTRE OS DOUS MUNDOS

Com um cinto de eternos gêlos, abraça o oceano polar as prayas da Siberia e da America do Norte!.... extremos limites de dous mundos, separados pelo estreito canal de *Behring*.

O mez de setembro vai quasi transposto.

(...)

(Adriano e José Feliciano de Castilho)

PROLOGO

OS DOIS MUNDOS

O Oceano polar, abraça com um cinto de gelos eternos as desertas praias da Sibéria, e da America do Norte!... esses extremos limites dos dois mundos, que o estreito canal de Behring separa.

O mez de **Outubro de 1831** toca o seo fim.

(...)

(Edição de Elias José da Costa Sanches)

3. O "Prólogo" de António Feliciano de Castilho

Dentre todos os méritos desta tradução de *Le Juif Errant*, o de ter dado origem a esta peça fundamental da teoria da tradução da primeira metade do século XIX português afigura-se-nos ser o de maior relevo. António Feliciano de Castilho assume neste texto, ao nível da tradução, um **múnus pedagógico** cujas características são de salientar e que se revestem de alguma novidade, se tivermos em conta os seus textos anteriores a este, dos quais se destaca, sem dúvida, o "Prólogo" à sua tradução das *Metamorfoses* de Ovidio, datado de 1841.

Este texto divide-se em nove pequenos capítulos, constituindo-se os primeiros três em apreciação global da obra de Eugène Sue e encerrando os restantes o conjunto dos argumentos teóricos que sustentam a opinião que descreve a tradução realizada por Adriano e José Feliciano de Castilho como "boa", "admiravelmente boa". É nesta última parte que, já a terminar o "prólogo", o autor inclui na integra o artigo d'*O Cosmopolita* sobre a tradução dos irmãos Castilho, como já referimos, aproveitando para criticar os jornais que deviam ser, e não são, "o livro do século XIX, o livro do povo, o veículo da ilustração, da verdade, da justiça". Este é o corolário de uma lógica discursiva que tem na prática de traduzir do autor e na opinião favorável sobre a versão em causa as suas etapas fundamentais.

Hoje, este prólogo é de fácil acesso. Remetemos para ele o leitor interessado na visão que António Feliciano de Castilho nos apresenta sobre Eugène Sue. Aqui, em breves traços, realçaremos as ideias que dizem respeito à tradução, que encontramos na última parte do prólogo.

Ao lembrar a sua prática de traduzir, "larga, assídua, e de muitos anos", A. F. de Castilho faz apelo à **autoridade**, que daí lhe advém e lhe permite emitir um juízo credível sobre a tradução dos irmãos. Neste sentido, as ideias expressas sobre a tradução podem e devem ler-se também como a explicitação da teoria do

traduzir do escritor romântico que – evidentemente – para a sua cabal compreensão, não deve confinar-se a este texto e a este momento histórico.

Apoiando-se em La Harpe⁵ (Jean François de la Harpe, 1739-1803), António Feliciano de Castilho defende que a boa tradução deve constituir-se em trunfo de glória para o tradutor abalizado, ser irrepreensível na sua linguagem e fiel ao espírito do autor da obra original. Compreensivelmente, *O Judeu Errante* é analisado em função da “pureza da linguagem” e da “transusão do espírito do autor”. A primeira destas “verdades capitais” decorrerá do cumprimento das outras duas. Existe pureza de linguagem na tradução quando “os bem costumados com o falar da nossa terra nada topam que os desafine”.⁶ Quanto à fidelidade ao espírito do autor, o tradutor, “só depois que se persuadiu haver bem reconhecido tudo, saiu, para nos dar conta, à sua moda e à nossa, de quanto vira e descobrira; sem diminuição, sem acrescentamento, sem mudança na substância, mas livre e senhoril no dizer, como quem já narrava do seu, e por sua conta”⁷.

Traduzir assim é *naturalizar* – concepção da prática de traduzir em uso na época romântica, assunto que requer outro e maior desenvolvimento.

⁵ La Harpe não é o único nome das Letras Francesas citado ou nomeado neste texto. Entre outros, são também citados os tradutores Turreil e Madame Dacier.

⁶ *Op. cit.* p. 103.

⁷ *Idem*, p. 104.

APÊNDICE

PRÓLOGO

Tem-se abusado tão larga e escandalosamente dos prologos, que, certo, nos não atreveríamos nós a inseri-lo na presente edição do *Judeo Errante*, se a nossa situação especialissima para com o público o não tornasse necessario, senão indispensavel.

Explicaremos, pois, o fim que nos propozemos nesta publicação, e os principios por que nella nos guiámos, desviando, por este modo, de nós qualquer imputação que porventura poderia fazer-nos quem, desfavoravelmente prevenido, nos pretendesse julgar.

O *Judeo Errante* teve um successo universal – e ainda entre nós – os do ultimo occidente – extraordinario, e póde-se mesmo dizer espantoso. Milhares de exemplares se consumiram sem que bastassem a satisfazer a ancia do público.

Não é necessário ser grande pensador, nem dar tractos á imaginação para explicar plausivelmente a causa de tão grande successo.

O *Judeo Errante* deve-se considerar por tres differentes modos – litteraria, politica e socialmente. Como obra litteraria ninguem, que saibâmos, lhe nega o incontestavel, superior merecimento que tem: o mecanismo de toda a composição é admiravel, e o estylo, em todos os pontos, propriissimo, e muitas vezes de uma originalidade rara. O sr. A. F. de Castilho, no prologo á primeira traducção portugueza desta obra, tece merecidos encomios ao nosso auctor, e, como de tão grande mestre em toda a especie de saber, apreciámos em muito sua opinião tão francamente pronunciada.

Politicamente fallando, o seu interesse cresce de ponto. Eugenio Sue conheceu as tendencias que malevolamente se pretendiam desenvolver na sociedade para a reacção theocratica; revela-as e aponta-as, descobrindo, ou antes traçando um quadro eloquentissimo do que podem os manejos subterraneos da temivel associação dos filhos de Loyola, que, repellidos de todo o orbe, pretendem de novo avassalla-lo, sijeitando-o ao seu absoluto poder.

Há talvez muito carregado de tintas neste quadro; mas nem por isso é menos necessario que nos desviemos do abysmo em que facilmente poderemos despenhar-nos.

Considerada socialmente, a sua importancia não é menos, e o interesse da sua leitura cada vez mais consideravel; o *Judeo Errante*, sob as amenas fórmãs do romance, foi um passo tentado para a resolução do grandissimo problema – a *organização do trabalho* – pensamento gigante, generosa aspiração da democracia, embora se pretenda alcinhar de utopia perigosa.

Não é esta a occasião opportuna para traçarmos a nossa profissão de fé; e por consequencia não estudaremos aqui – nem tão pouco isso era possivel – esta

grande e importantissima questão, *que, em breve, absorverá todas as outras* nas suas variadas relações.

O que é certo, porém, ninguém nos pôde vedar que o escrevamos, é que as continuas e desastradas convulsões sociaes, seja qual fôr o seu pretexto ou a sua presumida causa, revelam a imperfeição e insufficiencia das instituições por que nos regemos. Há nellas defeito organico, e grande, seja qual fôr. A sociedade não está bem - vae muito, muito longe d'isso - e quer estar melhor.

É este um facto que se não pôde, de boa fé, contestar, porque as suas consequencias todos infelizmente as sentimos.

Eugenio Sue sentiu-as tambem; foi buscar a origem do mal, e procurou-lhe o remedio que se lhe affigou mais vantajoso.

Podia enganar-se; enganou-se talvez. Mas não é de bom christão negar-lhe a bondade da intenção, e o merito e a coragem da iniciativa.

Todos estes motivos concorreram para o fervor geral com que esta obra foi recebida: é que o *Judeo Errante* podia desagradar a muitos; mas interessava, mais ou menos, a todos.

A publicação da presente edição é destinada a satisfazer aos desejos de muitos que o não puderam ler nas primeiras edições; a sua modicidade de preço torna-a accessivel ás mais pequenas fortunas, e só agora é que affoutamente se pôde dizer que o *Judeo Errante* vae ser popular entre nós.

Cabe fallar dos principios por que nos dirigimos no nosso trabalho: a ideia de reproduzir textualmente a aliás excellente traducção portugueza já impressa, repugnava á nossa consciencia litteraria; nestas circumstancias não havia outro meio a seguir além daquelle que adoptámos: confeccionar uma nova traducção.

Ás difficuldades essenciaes do genero, accresce termos de emprehender semelhante tarefa, depois de outro que tão honrada e gloriosamente soube sair-se della.

Apraz-nos confessa-lo; para fazer justiça inteira nunca consultaremos as razões de conveniencia que talvez nos aconselhassem de calar o que sentimos.

Dizer que fizemos uma nova traducção não é avançar que nada aproveitámos daquella. Seria um absurdo. Podemos, contudo, asseverar com a mão na consciencia que não fizemos uma contrafacção; o nosso character repelle energicamente tal insinuação, repetimo-lo.

O público sensato, calculando as difficuldades com que tivemos de lutar, e apreciando a nossa delicadeza, ha-de, de certo, fazer-nos justiça.

Não temos tambem a vaidade de acreditar que fizemos uma traducção melhor; mas se esta consideração nos afflige, conforta-nos a idéa de que, ao menos, nunca se nos poderá lançar em rosto o escandalo de uma especulação vergonhosa.

(*O Judeo Errante*, Imprensa Nacional, 1849, páginas VII a X)